

O PERRESIASTA E O AMBIENTE ESCOLAR

ERIC BOTEZINI QUEIROZ; CLADEMIR ARALDI²;

¹UFPEL 1 – ericqueiroz200@gmail.com 1

²UFPEL – clademir.araldi@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

Os motivos que me levaram a trabalhar com essa temática, relacionada ao ambiente escolar, nasce de inquietações pessoais sobre a minha atuação enquanto um profissional da educação. Participar e agregar na vida de um sujeito e ajudá-lo a alcançar seus objetivos, construir-se enquanto cidadão, ativamente, me fazia refletir sobre a minha postura, e como eu poderia interferir de fato na sua trajetória. Participando de projetos de extensão, como o PIBID e Residência Pedagógica percebi que cada aluno, cada turma, cada grupo, em distintos momentos, possuíam anseios diferentes, habilidades diferentes, interesses diferentes, e que o processo de Ensino-Aprendizagem, tinha muito mais a ver com a maneira com que eles direcionariam minhas práticas, do que o contrário. Por isso defendo a dialogicidade e organicidade do ambiente escolar; por isso trabalho a partir de conceitos como *autoeficácia* e *autorregulação*; e como professor de Filosofia, encontro desafios específicos que tratarei aqui.

Com certeza, o maior desafio de um professor de Filosofia é responder ao questionamento do que ela é em si mesma. Como abordá-la, como trata-la em sala de aula? Ser generalista ou dogmático? Propor uma abordagem temática ou histórica? Estou ensinando Filosofia ou a Filosofar?

Por isso, acredito que o maior ato de honestidade que um professor de Filosofia possa tomar, é o de adotar a multiplicidade e as diferentes formas que o conhecimento de Filosofia pode ter, como incorporar as necessidades e capacidades dos seus estudantes no processo de Ensino-Aprendizagem. É a partir desse cenário que trago Sílvia Gallo e Michael Foucault para nossa discussão. Mais especificamente e respectivamente, os constructos de suas obras *Metodologias do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio* e *A Hermenêutica do Sujeito*, afim de estabelecer qual seria a melhor postura discursiva de um professor de filosofia e qual a sua postura de tratamento com o estudante dentro do ambiente escolar.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho desenvolve uma pesquisa bibliográfica a fim de angariar conceitos, posturas e construtos que sejam pertinentes ao tema do trabalho a ser desenvolvido e aos objetivos a serem alcançados, além enriquecer o diálogo proposto no decorrer do texto. Por isso recorreremos a um grande pensador da educação como Sílvia Gallo, e a um grande pensador do *sujeito*, como Michael Foucault.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seria um grande erro acreditarmos que poderíamos ser capazes de dar conta de tratar sobre todas essas questões. O ponto, é que a Filosofia, como afirma

Sílvio Gallo, é o “campo de saber mais plurívoco e, portanto, aberto a e suscetível de muitos equívocos. Não se pode falar em “filosofia” de forma geral, sem dizer de que filosofia falamos” (2020). Doravante, direcionamos nossas preocupações acerca da questão, a como não reduzirmos o papel da Filosofia dentro do processo formativo institucionalizado.

Se colocando em diálogo com autores como os filósofos e professores de filosofia, Fernando Savater e Jacques Rancière, Sílvio levanta as questões como a “*ensinabilidade*” e a “*aprendizibilidade*” da filosofia. Em Savater, ele encontra a multiplicidade do relacionamento que o professor pode ter ao pensar sua prática, sua abordagem no tratamento do ensino de filosofia e afirma a possibilidade de ensinar sim filosofia, mas “não apenas como um processo de transmissão de informações e conteúdos, mas como um verdadeiro convite ao pensamento próprio” (GALLO, 2020). No entanto, no que diz respeito à aprendizagem, não podemos tomar como certeza, que tudo o que é “ensinável” é de fato “aprendível”.

Se com este cenário não podemos afirmar com certeza como alguém aprende filosofia, ainda referenciando Rancière, devemos então repensar nossa postura enquanto profissionais do ensino de filosofia que não trate o estudante em um receptáculo passivo de informações; “uma postura que não implique uma submissão daquele que aprende àquele que ensina; enfim, uma postura de abertura ao outro, ao aprendizado como o encontro com os signos e como criação” (GALLO, 2020).

Sílvio Gallo ainda vai além ao resgatar em Rancière, três tipos diferentes de mestres: o “explicador”, o “ignorante” e o “livro aberto”.

O primeiro, e pior de todos, é um embrutecedor, pois para ele o ensino não é uma forma de emancipação, mas de assujeitamento. Aquele que aprende, vítima do consenso fabricado, é aquele que se resigna, aquele que renuncia a si mesmo para aceitar o ensinamento do mestre. O segundo “não é simplesmente um mestre menos sábio. Ele é, na medida em que é presa de sua ignorância e da capacidade de todos de saber, o puro suporte da decisão de aprender – de se aprender – que é própria do aluno” (1986, p. 119)¹. O terceiro caso é aquele do mestre sábio “que instrui, não por suas explicações, mas se propondo ele mesmo como livro aberto, paisagem ou lição de coisas. O aluno não aprende com o

¹ RANCIÈRE, Jacques (1986). “Nous que sommes si critiques...”. In: VVAA. La grève des philosophes: École et philosophie. Paris: Osiris.

professor, ele aprende o professor” (idem, ibidem). Se o primeiro é um embrutecedor, este último também não o deixa de ser, embora de forma mais branda. De algum modo, ele ainda permite que o discípulo o transcenda, enquanto, para o primeiro tipo, isso seria impossível. Mas é o segundo tipo, o mestre ignorante, que, para Rancière explicita melhor a atividade do professor de filosofia (GALLO, 2020).

Nessa direção, de apresentar uma postura de abertura, cumplicidade e maneira direta de lidar com o processo de ensino aprendizagem, de total clareza e confiança na relação entre um mestre e seu discípulo, é que aparece, em Foucault, a *parrhesía*, um conceito muito interessante trabalhado por ele, que descreve essa posição franca que um toma para com o outro, e que desempenha importante função na apropriação, na ligação com o sujeito e suas práticas de subjetivação – no sentido direto de *áskesis* dos filósofos gregos e romanos. É uma forma diferente do sujeito lidar com a verdade, e que pressupunha, justamente por parte do estudante, uma atitude técnica, organizada com o objetivo de recolher os conhecimentos transmitidos pelo mestre de maneira a toma-los como útil para sua vida cotidiana.

4. CONCLUSÕES

O parresiasta não é apenas aquele que simplesmente fala e pratica a franqueza. O parresiasta encara a verdade, com coragem seja qual for as circunstâncias, não somente quando se junta aos seus para pronunciar, para exercer o ato de fala, quanto de escuta: é um compromisso com a verdade, uma questão ética, não apenas técnica.

A *parrhesía* têm dois grandes inimigos, aponta Foucault. O primeiro, é esquematicamente uma questão de forma, que é a retórica; ela é uma arte de convencer, de arrastar e agregar para si a opinião do outro, não há um compromisso direto e franco com a verdade, mas com interesses particulares, de moldar o agir do outro conforme os interesses daquele que fala. No entanto, Foucault deixa espaço de abertura quanto a formalidade da retórica, como aspecto de astúcia do parresiasta que sabe identificar a maneira correta, no tempo correto e com a roupagem correta aquilo que ele tem a transmitir, mas sempre, tendo em mente de que a verdade que ele pronuncia, o conhecimento que ele compartilha,

deve servir ao outro, a dar ferramentas ao outro de chegar ao conhecimento e de se relacionar diretamente com a verdade, e não através da arte do convencimento da retórica (FOUCAULT, 2006). O outro inimigo seria a lisonja;

O lisonjeador serve-se da linguagem para obter do superior o que quer, mas servindo-se assim da superioridade do superior, ele a reforça. Reforça-se porquanto o lisonjeador é aquele que obtém o que quer do superior fazendo-lhe crer que ele é o mais belo; o mais rico, mais poderoso do que realmente é. Consequentemente, o lisonjeador pode desviar o poder do superior dirigindo-se a ele com um discurso mentiroso no qual o superior se verá com mais qualidade, força, poder do que tem. O lisonjeador é aquele que, por conseguinte, impede que se conheça a si mesmo como se é (FOUCAULT, 2006, p. 454).

Esse é o ponto chave - na relação entre duas pessoas no geral, mas principalmente nas nossas intenções para com o desenvolver deste trabalho -, na relação entre educador e educando, a lisonja e a retórica não permitem que o interlocutor se relacione autonomamente com a verdade, com o conhecimento. A franqueza e a coragem da verdade da atitude do parresiasta, não diz respeito apenas a maneira com que ele se relaciona com o discurso da verdade e a forma com que o transmite, mas com a abertura que ele deixa para que seu interlocutor se aproprie dela e se relacione diretamente com ela.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALLO, Sílvio. *Metodologias do ensino de filosofia*: uma didática para o ensino médio. Papyrus Editora; Edição Kindle, sem paginação; 2020.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Martins Fontes, São Paulo, 2006.